



A Dança Dialética do Trabalho em uma Cooperativa de Jornalistas: o caso do *Tiempo Argentino*

Rafael Grohmann¹.

Faculdade Cásper Líbero

Resumo: O artigo apresenta resultados de investigação no jornal *Tiempo Argentino*, de Buenos Aires, a partir de entrevistas realizadas em janeiro de 2018, com o objetivo de analisar potencialidades e limites da organização coletiva de trabalho, especialmente “resistências cooperativas”, em contexto de hegemonia da individualização das situações de trabalho. Para tanto, o texto busca contextualizar teoricamente a questão das cooperativas e suas contradições e mapear cooperativas de jornalistas, especialmente, na Argentina. Fundado em 2010, o *Tiempo Argentino* é gerido por seus trabalhadores desde 2016, em caso de “empresa recuperada por trabalhadores”, com a criação da cooperativa *Por Más Tiempo*, a iniciativa na área com o maior número de trabalhadores no país.

Palavras-chave: cooperativas; trabalho; jornalistas; Argentina; *Tiempo Argentino*.

1. Introdução

O trabalho dos jornalistas, assim como qualquer atividade de trabalho, é marcado por uma “dança dialética”, nos termos de Huws (2014), entre criação/expressão e exploração/expropriação, mudanças e permanências, precarizações e resistências. Um desafio de compreender as atividades de trabalho em sua complexidade, com conflitos e contra-

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero e Professor Contratado III da ECA-USP. Realiza estágio pós-doutoral na UFRJ. Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. E-mail: rafael-ng@uol.com.br

dições. Nem tudo é só dominação/estrutura, e nem só resistência/ação. Por um lado, algumas pesquisas sobre o mundo do trabalho dos jornalistas no Brasil tratavam de marcar o acento nas condições de precarização do trabalho (Mick; Lima, 2013; Fígaro; Nonato; Grohmann, 2013), atualmente há investigações sobre possíveis reações à precarização, a partir de enquadramentos como “novos arranjos alternativos” (Fígaro; Nonato, 2017) e “governança social para o jornalismo” (Mick; Tavares, 2017), por exemplo.

Contudo, há múltiplos lugares de enunciação marcados nas iniciativas jornalísticas (como mostramos em Roxo; Grohmann; Marques, 2017), algumas ressaltando a “inovação” e o “empreendedorismo” (Grohmann; 2017) em linha com a “nova razão do mundo” (Dardot; Laval, 2016), no sentido de uma racionalidade neoliberal que se relaciona a individualização das situações de trabalho. Há uma gramática do capital em circulação, o que Angenot (2015) chama de mercado discursivo, com hegemonias discursivas. Além das expressões acima, podemos acrescentar disrupção, criatividade, inspiração (Casaqui, 2016) e modelos de negócio. Isto é, essas expressões podem ser percebidas como braços-auxiliares da financeirização da comunicação (Sodré, 2014) e na justificação dos modos de aparecer do capital, com reflexos no mundo do trabalho dos jornalistas. Nesta frente de pesquisa, busca-se confrontar a gramática do capital e a hegemonia da individualização das situações de trabalho, no sentido de compreender e/ou buscar construir formas alternativas de organização do trabalho, com suas possibilidades e limitações. Não existe, como afirma Vieira Pinto (1979), ciência “inofensiva” ou “inocente”, “porque só seria tal aquela que não servisse para nada, o que seria a negação da sua essência. O conhecimento é sempre uma arma do homem na luta contra forças adversas, físicas ou sociais” (Vieira Pinto, 1979, p. 373).

Então, a partir de uma pesquisa mais ampla sobre cooperativas de jornalistas, o texto apresenta resultados de investigação no jornal *Tiempo Argentino*, de Buenos Aires, a partir de entrevistas realizadas em janeiro de 2018. O jornal é gerido por seus trabalhadores desde 2016, em típico caso de “empresa recuperada por trabalhadores” (Ruggeri, 2011), com a criação da cooperativa *Por Más Tiempo*, a iniciativa na área com o maior número de trabalhadores no país. O objetivo é compreender potencialidades e limites dos processos produtivos do jornal enquanto cooperativa e organização coletiva do trabalho, observando a “dança dialética do trabalho”. Para tanto, o artigo: a)

contextualiza teoricamente a questão das cooperativas e suas contradições; b) busca mapear a situação de cooperativas de jornalistas pelo mundo, marcando o cenário especialmente, argentino; c) descreve a história e a estrutura do jornal *Tiempo Argentino*; d) analisa enunciados dos trabalhadores.

2. Cooperativas e suas Contradições

Conforme textos anteriores (Grohmann, 2018a; 2018b), tratamos as cooperativas de trabalhadores como uma forma específica de organização do trabalho, que se pretende coletiva, autogestionada e democrática no que se refere aos processos produtivos. Historicamente, as cooperativas têm sido alvo de debate – inclusive por parte de autores clássicos como Marx (2012) e Luxemburgo (2015) – se teriam uma potência revolucionária, se seriam reformistas ou, inclusive, ajustadas ao modo de produção capitalista. Entre o enfrentamento e o ajustamento ao capital, é preciso reconhecer a natureza contraditória das cooperativas que, como afirma Sandoval (2017), não vem de agora.

Ao reconhecer as cooperativas como contraditórias, tratamos de compreendê-las em uma chave dialética, a partir de seus conflitos e embates, transformações e reproduções em relação a processos produtivos e ao modo de produção capitalista. Afinal, as iniciativas cooperativas não se encontram à parte de um mundo movido à lógica hegemônica da flexibilização, em cenário de precarização estrutural do trabalho (Antunes, 2018). Ao contrário, como ressalta Sandoval (2018, p. 126), “trabalhar em uma cooperativa não garante necessariamente uma fuga da precariedade, do estresse, do excesso de trabalho e dos baixos salários”.

Por um lado, portanto, não é possível romantizar ou mistificar as forças emancipatórias e de resistência das cooperativas, conforme a crítica de Wellen (2012) à economia solidária. Em mundo do trabalho infestado de racionalidade neoliberal, todas as instituições – da universidade à indústria automotiva, passando pelo jornalismo – são reestruturadas a partir de sua lógica (Brown, 2016; Dardot; Laval, 2016), de maneira que, mesmo os que querem se contrapor a ela, precisam jogar as regras do jogo. Conforme Sandoval (2018, p. 123), as cooperativas “ainda precisam depender de mercados e clientes que possam usar seu poder de mercado para colocar uma pressão sobre as taxas de juros”. Isso significa a impossibilidade de uma transformação absoluta, mesmo

em iniciativas que se pretendam alternativas ou contra hegemônicas, inclusive no jornalismo.

Por outro lado, podemos reconhecer nas cooperativas – como em quaisquer esferas envolvendo sujeitos sociais (Marx; Engels, 2007) – possibilidades de fissuras, frestas ou brechas em relação a essa racionalidade neoliberal. Com isso, podemos concebê-las como possibilidades – com acento nessa última palavra – de “utopias reais”, no sentido dado por Wright (2010), inclusive em relação às cooperativas, não enquanto fantasias, mas reconhecimento de tensões entre sonhos por transformação social e a vida prática cotidiana. Segundo o autor, é preciso pensar perspectivas plausíveis de alternativas radicais rumo a uma mudança social que seja emancipatória: “as condições políticas para ajustes progressistas nos arranjos sociais podem depender de maneira significativa da presença de visões mais radicais de possíveis transformações” (Wright, 2010, p. 8). Isso se coloca, portanto, como uma possibilidade de enfrentar a precarização a partir da perspectiva cooperativista (Sandoval, 2017).

Concebemos, então, as cooperativas, a partir de uma visão normativa, como possibilidades de “utopias reais” (Wright, 2010), “projetos radicais” (Sandoval, 2017) e fazer circular o comum (Dardot; Laval, 2017), no sentido de frestas e fissuras à racionalidade neoliberal. Trata-se de uma visão normativa, mas que reconhece, conforme Wright (2010, p. 108), “as limitações do nosso conhecimento científico das possibilidades reais de transcender o capitalismo”. Essa visão nos auxilia a diferenciar as possibilidades vislumbradas acima de cooperativas que se alinham à racionalidade empreendedora, como o relatório *Cooperatives UK* para a área de mídia e comunicação (Boyle, 2015), que ressalta aspectos de vantagens empresariais, modelos de negócio e inovação, ou cooperativas “de fachada” ou “empresariais” que visam “dilapidar ainda mais as condições de remuneração dos trabalhadores, solapando os seus direitos e aumentando os níveis de exploração da sua força de trabalho” (Antunes, 2018, p. 76).

Neste sentido, Dardot e Laval (2017) colocam que um dos modos possíveis de resistência à racionalidade é a “resistência cooperativa”. Se, por um lado, a cooperação é inerente à atividade humana de trabalho (Marx; Engels, 2007), no sentido que “trabalhar é sempre engajar-se num agir comum de dimensões morais, culturais e, muitas vezes, estéticas” (Dardot; Laval, 2017, p. 514), por outro, há a captura dessa cooperação

sob o domínio do capital, com “cooperação forçada” e simulacros de gestão participativa e democrática. Falar em resistência cooperativa é, pois, “trazer novamente para o cerne da luta política a questão da organização do trabalho é a única resposta que pode ser dada às estratégias políticas da gestão neoliberal” (Dardot; Laval, 2017, p. 518), olhando para a governança democrática. Mesmo assim, não se trata de naturalizar essa “resistência cooperativa”, mas de compreendê-la em chave dialética onde se entrecruzam a circulação do capital e a circulação do comum (Dardot; Laval, 2017; De Peuter; Dyer-Witheford, 2010), com tensões e disputas. O olhar para a organização do trabalho deixa entrever essa “circulação das lutas” (Dyer-Witheford, 1999), com disputas envolvendo visões de mundo, processos comunicacionais, modos de produzir e, no caso do objeto empírico deste artigo, fazer jornalismo.

A partir desta visão normativa, também concebida por Sandoval (2017) considerando a propriedade coletiva e a governança democrática, utilizamos como parâmetros para a presente pesquisa os tipos-ideais elencados por De Peuter e Dyer-Witheford (2010) em relação às cooperativas: a) trabalho associado; b) democracia no local de trabalho; c) redistribuição da mais-valia; d) cooperação entre cooperativas.

Como todo esse contexto pode, de alguma forma, afetar o mundo do trabalho dos jornalistas? Por um lado, o trabalho dos jornalistas não é deslocado da situação “macro” do mundo do trabalho, e pode ser considerado, em alguma medida, o que chamamos anteriormente como “sintoma da lógica dos conglomerados” (Grohmann, 2013). Por outro, os parâmetros cooperativistas podem ter incidências particulares aos jornalistas, desde o produto produzido até a emergência desse tipo de experiências, que somente a pesquisa empírica – cuja dimensão mais ampla envolve outras cooperativas de jornalistas – poderá dizer.

3. Cooperativas de Jornalistas

No Brasil, um marco no que se refere a cooperativas de jornalistas foi o jornal Coojornal, que funcionou durante a ditadura militar, especificamente de 1974 a 1983, ou seja, justamente no período de emergência da redemocratização no país. Nesta época, conforme Kucinski (2003), chegaram a aparecer outras experiências cooperativas, como Paraná Repórter, Copjornal, de Londrina, Jornacop, de Santos, Comcisa, de Salvador, e

Coojor-nat, de Natal, chegando a ocorrer nesta época. um encontro nacional de cooperativas de jornalistas.

Atualmente, pudemos identificar duas cooperativas no país, a saber: a) Cooperativa dos Jornalistas e Gráficos do Estado de Alagoas (JorGraf), de Maceió, que edita o jornal *Tribuna Independente*; b) Cooperativa Comunicacional Sul, de Florianópolis, que edita o portal *Desacato*. Diante de tantas iniciativas jornalísticas que se consideram alternativas/independentes no país, como evidencia o próprio “Mapa de Jornalismo Independente”², da Agência Pública, questionamos os motivos de haver poucas cooperativas de jornalistas no país frente a outras formas de organização de trabalho, como coletivos, por exemplo. Uma das hipóteses é a própria configuração do campo jornalístico no país, no que se refere à história da imprensa alternativa, marcada por uma heterogeneidade de posições políticas. Tudo isso relacionado a uma falta de tradição cooperativista na área, levando ao seu desconhecimento pelos profissionais, conforme Kucinski (2003). Outras hipóteses referem-se a obstáculos legais (Gonçalves, 2015) e a própria configuração da economia solidária e do cooperativismo no país, inclusive enquanto política de Estado³.

No Norte Global, algumas cooperativas de jornalistas são *Die Tageszeitung*, na Alemanha, que existe desde 1979, *Vancouver Media Co-op*, iniciativa de jornalismo local no Canadá, *NewScoop YYC* e *Positive News*, iniciativas de “cooperativismo de plataforma” (Scholz, 2017; Grohmann, 2018a) respectivamente no Canadá e na Inglaterra. Na Grécia, há quatro iniciativas, *Efimerida Syntakton – EFSYN*, *Altherthess*, *The Cricket* e *Flash FM*, estudadas por Siapera e Papadopoulou (2016). No universo ibérico, a Espanha tem o *eldiario.es* e o *La Marea*, em Madri, e *Critic* e o recente *Jornada* em Barcelona, com outras iniciativas na região da Catalunha, como *Setembre*, *Malarrassa*, *Catalunya Plural*, *Fet a Sant Feliu* e *El Cugatenc*.

Na América Latina, as principais cooperativas de jornalistas se localizam no Uruguai (*La Diaria* e *Brecha*), no Chile (*Rádio Cooperativa*) e na Argentina, com, no mínimo, 26 iniciativas, a maioria nos distritos de Buenos Aires, Rosário e Córdoba. Conforme mostramos em Grohmann (2018b) em relação ao cenário argentino, a cooperativa *lavaca*, que edita a revista *MU*, foi uma das pioneiras, ao ser lançada no auge da

² Disponível em: < <https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/>>. Acesso em 27 jul. 2018.

³ Inclusive sua substituição por políticas de microempreendedorismo individual, deixando a economia solidária em segundo plano (Rizek, 2016).

crise econômica de 2001, frente às lutas anti-*copyright*. Outros pioneiros são o *Comercio y Justicia*, de Córdoba, e *El Diario de la Región*, no Chaco argentino. Há também, desde 2009, a *Federación Asociativa de Diarios y Comunicadores Cooperativos de la Republica Argentina* (FADICCRA), que conta com 24 associados, dentre eles a *Cítica*, formada por pessoas que trabalhavam no jornal *Crítica*, fechado em 2010.

Nos últimos dois anos (2016 e 2017), segundo Ruggeri (2018), o setor da economia cooperativa que mais cresceu na Argentina foi o de comunicação, com cinco iniciativas criadas⁴. Dentre elas, o *Infonews*, primeiro portal de internet recuperado por trabalhadores, e o *Tiempo Argentino*, objeto do presente artigo. Podemos constatar a partir de Ruggeri (2011) e Henriques (2014) como a emergência de cooperativas no país, principalmente no setor de serviços e em frações da classe média, se deu principalmente em momentos de crise econômica no país a partir de políticas neoliberais na virada do século e agora no governo de Mauricio Macri. Muitas dessas iniciativas emergiram devido a processos de “empresas recuperadas por trabalhadores” (Henriques, 2014), que se trata de uma “prática desenvolvida por trabalhadores que, na iminência de ficarem desempregados, negociam ou lutam pelo acesso aos meios de produção de empresas falimentares” (Henriques, 2014, p. 18). Este é também o caso do jornal *Tiempo Argentino*, como veremos a seguir.

4. *Tiempo Argentino*

A presente pesquisa tem por base entrevistas que realizamos com 12 trabalhadores do *Tiempo Argentino* na redação do jornal em Buenos Aires entre os dias cinco e nove de janeiro de 2018. A partir de um roteiro semiestruturado, as entrevistas versaram principalmente sobre processos produtivos e organização do trabalho em uma cooperativa de jornalistas. A seleção dos entrevistados obedeceu ao seguinte critério: metade é formada por jornalistas que também possuem funções administrativas na cooperativa, e a outra metade por jornalistas de diferentes funções jornalísticas, mas sem obrigações na organização da cooperativa, de acordo com a disponibilidade de tempo dos trabalhado-

⁴ Entre 2010 e 2013, foi criada somente uma cooperativa na área (Ruggeri, 2018).

res nos dias da pesquisa. Nesta seção, descrevemos um panorama histórico e da estrutura do jornal.

Fundado em 2010, o jornal *Tiempo Argentino* era ligado ao grupo *Veintitrés*, dos empresários Sergio Szpolski e Matías Garfunkel, que possuía nove veículos. O grupo era muito ligado ao kirchnerismo, sendo um dos maiores beneficiários no setor de mídia no país entre 2009 e 2015⁵, com impactos na política editorial dos veículos, tidos como “oficialistas”. Com o fim do governo de Cristina Kirchner e a eleição de Mauricio Macri para a presidência, em dezembro de 2015, os trabalhadores do grupo deixaram de receber seus salários e houve demissões em massa.

Após o desaparecimento dos donos, a Rádio América foi a primeira do grupo a se organizar coletivamente e decretou greve. Devido aos conflitos envolvendo os salários, duas edições de janeiro de 2016 não foram para as bancas. Em fevereiro, o *Tiempo Argentino* deixou de ser impresso e seus trabalhadores ocuparam a redação, já procurando se organizar coletivamente. Foi produzida uma edição especial no dia 24 de março daquele ano – feriado pela memória dos mortos e desaparecidos na ditadura militar, e os próprios trabalhadores foram à *Plaza de Mayo* vender o jornal e interagir com o público a fim de saber acerca do interesse no veículo. Todos os 30 mil exemplares impressos foram vendidos.

Após uma série de assembleias, dos cerca de 200 jornalistas do veículo, 105 decidiram formar a cooperativa, *Por Más Tiempo*, que passou por um período de formação (que durou cerca de dois meses), com interações com cooperativas e redes de cooperativas de diferentes setores. O nome da cooperativa deve-se à ânsia na busca pelo sustento dos jornalistas e pelo fortalecimento da cooperativa enquanto organização coletiva de trabalho, no sentido mesmo da “dança dialética do trabalho” (Huws, 2014) enunciada deste o início deste artigo. O jornal voltou a ser publicado exatamente um mês depois da edição especial, agora um semanário impresso, e com um *site* atualizado diariamente. O *slogan* do veículo é “donos de nossas palavras”, evidenciando o seu caráter autogestionário. Trata-se de a maior cooperativa de jornalistas da América Latina em número de jornalistas.

⁵ Os dados podem ser conferidos aqui: < <http://www.perfil.com/noticias/politica/Grupo-23-de-Szpolski-y-Garfunkel-el-fin-de-la-era-K-con-deudas-y-despidos-20160115-0033.phtml> > . Acesso em 28 jul. 2018.

Em uma madrugada de julho de 2016, a redação foi alvo de ataques, com a destruição física do local e a expulsão de trabalhadores que lá estavam. Um empresário que afirmava ter comprado o *Tiempo Argentino* foi acusado de ser o mandante do ataque. Então, a redação se mudou para outro local. Atualmente, cerca de 75% da renda do jornal vem do dinheiro recebido com assinaturas. Os trabalhadores começam a buscar diversificar a origem dos recursos, como fundações, mas desde que não represente um peso significativo na cooperativa.

Do ponto de vista da estrutura organizacional, há a eleição anual dos postos administrativos em assembleia⁶, a saber: presidente, secretário, tesoureiro, organização social do trabalho e departamento comercial⁷. A organização social do trabalho é algo similar ao que nas empresas capitalistas é chamado de “recursos humanos”, mas que sinaliza, a partir do próprio termo, a visão acerca de trabalho da própria cooperativa. Há duas estruturas organizacionais: a jornalística e a administrativa⁸. A maioria dos trabalhadores divide as funções na organização da cooperativa com funções jornalísticas. O presidente Javier Borelli, por exemplo, também é subeditor de Geral no jornal; o secretário Federico Amigo é da seção de esportes.

A maioria dos jornalistas do *Tiempo* está em uma faixa etária entre 30 e 40 anos. Não se trata, pois, de uma redação em processo de juvenilização, mas de trabalhadores que, via de regra, estão no jornal há mais de cinco anos e possuem um vínculo, inclusive afetivo, com ele – no sentido dado por Dardot e Laval (2017) às atividades de trabalho – até mesmo pelos conflitos ocorridos na transição para a cooperativa. Em alguma medida, é uma pista para pensar motivos da “resistência cooperativa”, deste engajar-se comum e coletivo⁹.

Em geral, os jornalistas possuem outras atividades de trabalho remuneradas, seja em outros veículos ou até mesmo como taxista ou vendedor de frutas secas, em algo semelhante a experiências brasileiras de “viração” (Rizek, 2006). No auge do conflito

⁶ Vídeo com cenas da assembleia de votação dos cargos, na conformação do jornal como cooperativa, em 2016: < https://www.youtube.com/watch?v=-VdYrgKgY_4 > . Acesso em 28 jul. 2018.

⁷ Atualmente, os membros são: Javier Borelli (presidente), Federico Amigo (secretário geral), Malena Winer (tesoureira), Germán Alemmani (organização social do trabalho), Julián Martínez, Guido Molinari e Natalia Florio (departamento comercial). De todos, apenas Natalia não foi entrevistada, pois estava de férias no período da pesquisa.

⁸ Atualmente, o escritório da administração fica no prédio ao lado da redação.

⁹ Inclusive de posicionamentos no campo profissional no que se refere à carreira.

com os antigos donos, a maioria se encontrava em situação econômica de emergência. Como parte desses dilemas e conflitos, está também a questão dos pagamentos. Não há salários, mas saques, parcelas nos resultados econômicos das cooperativas a partir do que é o saldo anual distribuível. Após o pagamento das despesas obrigatórias, todo o dinheiro é revertido para e dividido entre os jornalistas ou armazenado em um fundo. Atualmente, os trabalhadores, em geral, recebem menos dinheiro mensalmente do que antes da formação da cooperativa.

Um dos intensos debates envolve a horizontalização e a democratização do processo de divisão do dinheiro recebido pela cooperativa. Quanto à carga horária de trabalho, há jornalistas com oito e outros com 30 horas semanais. O máximo de horas trabalhadas por dia é seis. No início, todos sacavam a mesma quantia. Após assembleias, chegaram à conclusão que, a depender do envolvimento semanal nas atividades de trabalho da cooperativa, haveria limitações desse trabalhador conseguir outros empregos. Então, decidiram reconhecer responsabilidades em termos econômicos, chamadas de “hierarquias”. Contudo, como reconhecer essas hierarquias, mas manter o espírito de “resistência cooperativa”? Então, foi definido que entre uma hierarquia e outro, não poderia haver mais de 10% de diferença no que tange ao valor recebido.

Este dilema exemplifica alguns desafios e contradições da organização coletiva do trabalho em uma cooperativa a partir das assembleias enquanto local de decisão comum. Na formação da *Por Más Tiempo*, as assembleias eram diárias, depois passando por reuniões segmentadas por temas e criação de comissão específicas. Atualmente, há dois tipos de assembleias: a) àquelas sobre práticas de trabalho e obrigação relacionadas ao Instituto Nacional de Associativismo e Economia Social (INAES), que rege o cooperativismo na Argentina; b) reuniões mensais ordinárias, geralmente antes do pagamento dos *retiros*, sobre o balanço do mês. Além disso, há assembleias específicas, por exemplo, relacionadas à falência da antiga empresa e questões jurídicas. Dilemas como esses também estão expressos marcadamente nos discursos dos jornalistas entrevistados.

5. “Não há príncipes e princesas!”

A análise das entrevistas com os jornalistas tem por base os parâmetros ideais-típicos enunciados por De Peuter e Dyer-Witheford (2010). Como pano de fundo, ado-

tamos a abordagem de Angenot (2015) acerca do “discurso social”, que permite compreender hegemonias discursivas, dissidências e rupturas inscritas nos enunciados, isto é, conflitos e lutas por sentido, sem idealizar resistências, mas com possibilidades de fissuras e brechas. Um exemplo é dado em enunciado de Malena¹⁰, tesoureira: “se alguém deixa um testemunho das realidades, com suas contradições e conflitos, é o melhor caminho. Se você contar como um conto de fadas, as pessoas ficarão frustradas. Não há príncipes e princesas!”. Os trabalhadores reconhecem os avanços nas lutas coletivas (“nós lutamos muito” – Germán), mas também as contradições e os conflitos internos relacionados à cooperativa: (“tornar-se uma cooperativa não era um caminho procurado, de forma alguma” – Guido; “é uma opção de seguir” – Malena).

Em relação ao trabalho associado, os jornalistas afirmam que, enquanto a estrutura administrativa tem sido uma aprendizagem no sentido cooperativo, a estrutura jornalística – da redação – permaneceu inalterada: “primeiro precisamos fortalecer a outra área. Porque ia ser demais. Não estávamos em condições de debater e reformular todo um sistema de trabalho” (Germán). Isso é sentido pelos trabalhadores sem funções na cooperativa: “eu continuo fazendo jornalismo, apenas. Essencialmente, enquanto o ofício não mudou, sigo fazendo tarefas jornalísticas. Talvez uma das únicas coisas é podemos negociar um pouco melhor os horários” (Martí). O que mais foi modificado, nesse sentido, foi a linha editorial, menos alinhada ao kirchnerismo, e segundo os próprios trabalhadores, mais à esquerda.

A grande questão de uma cooperativa de mídia passa por esse lugar: que tipo de jornalismo fazemos, que linha temos e como se faz para manter um funcionamento jornalístico que é, tradicionalmente, vertical, mas que não seja da mesma forma. Não podemos discutir em assembleia toda semana qual vai ser a capa do jornal (Federico).

Mesmo assim, Germán afirma que, na maioria das vezes, discussões acaloradas nas assembleias advém de questões editoriais.

Essa verticalidade ainda presente na estrutura jornalística é uma contradição a ser enfrentada: “a autogestão também tem que deixar para trás muitas formas profundamente enraizadas na cultura, que são as formas hierárquicas de trabalho. Isso faz falta

¹⁰ Optamos por somente colocar os primeiros nomes dos entrevistados: Federico, Fernando, German, Guido, Javier, Jorge, Julia, Julián Malena, Martí, Martin e Nahuel.

(Jorge); “o jornalismo é, historicamente, muito de cima para baixo: há um editor, um subeditor” (Malena). Nesse sentido, os trabalhadores afirmam que um dos desafios nos marcos da cooperativa é o de não estratificar e burocratizar, justamente por causa da memória do trabalho remunerado tradicional: “que o cooperativismo seja mais do que uma tábua de salvação em um mar agitado” (Germán).

Do ponto de vista jornalístico, o trabalho associado é traduzido em uma forma de jornalismo que não é considerada nem alternativa nem independente, mas autogestionária:

o alternativo é usado muitas vezes para falar de uma presença marginal e relacionado a formas precárias de organização. E você tem que jogar e disputar onde as grandes ligas jogam. Desde que começamos a cooperativa, sabia que íamos fazer um produto de qualidade, que é agradável esteticamente, que está nas bancas assim como *Clarín* e *La Nación*. Nós vamos disputar lá (Javier).

Para Javier, o trabalho no *Tiempo* deve ser visto até mais do que um trabalho, “porque você toma as decisões sobre o que faz” (Javier). Mas o discurso do atual presidente da cooperativa, em alguns momentos, se relaciona ao da produtividade de uma organização em contexto de racionalidade capitalista: “não nos interessam o que vem duas horas por semana. Pois, como vamos realizar toda a produção? É preferível uma pessoa que venha dez horas do que cinco que venham duas”.

Em geral, os trabalhadores negam a ideologia do empreendedorismo e afirmam que a luta do *Tiempo* passa por outra perspectiva de mundo, o que não os exime de viver as amarguras do modo de produção vigente (Dardot; Laval, 2016): “estamos em um contexto neoliberal, onde a flexibilização do trabalho nos persegue, onde é difícil lutar nesse sentido” (Germán); “às vezes é difícil tirarmos um cartão no banco porque eles pedem um recibo salarial” (Malena). Para Julia, o profissionalismo é o que pode tentar fazer reduzir a precarização: “mas tudo depende que a renda da cooperativa seja sólida o suficiente. Não estamos longe, mas ainda não são os salários praticados no mercado” (Julia).

A democracia no local de trabalho é pontuada pelas discussões coletivas recorrentes nas assembleias e a possibilidade de uma organização coletiva, reconhecida como difícil e lugar de conflitos: “outro desafio está em ir além dos interesses individuais. Eu

acredito que isso ainda está em processo de construção” (Germán); “para mim, é muita emoção. Toda a minha vida laboral mudou, mas sinto o trabalho muito mais criativo porque o projeto é nosso. São pequenas ideias de construção. Não temos essa vocação coletiva, não temos essa vocação cooperativa” (Malena); “a palavra cooperativa é uma barreira do dialético: entender que com um ou cem pares você pode construir algo que já deveria ter vindo construído e ser mais um artífice dessa construção” (Julián). Contudo, há evidências, nas entrevistas, de um engajamento desigual na organização coletiva do trabalho, inclusive em relação às frequências nas assembleias por parte de quem não tem funções na cooperativa: “eu estou em poucas assembleias. Às vezes, fico um pouco, ouço e saio. Perdi de votar uma porção de coisas. Mas as assembleias são positivas” (Fernando).

Essa construção coletiva passa também pela cooperação entre cooperativas, tanto com iniciativas de outros setores – como têxtil e gráfica – quanto com veículos jornalísticos como *MU*, e uma das inspirações do *Tiempo*, o *ladiaria.es*, da Espanha: “aqui na Argentina, quase todo mundo tem alguém próximo que trabalha em uma cooperativa” (Federico). De alguma forma, portanto, a memória e o acúmulo de práticas auxiliam na organização do trabalho em uma cooperativa de jornalistas. São possibilidades de fissuras – conforme discutido acima – a partir do enfrentamento da organização de trabalho. Os enunciados dos trabalhadores circulam evidenciando essas disputas (Angenot, 2015) e lutas por sentido, sem desconsiderar as contradições, que teimam em apenas se deslocar (Harvey, 2016).

Diante de tudo isso, o que os trabalhadores do *Tiempo* clamam é *Por Más Tiempo*: “todos temos outros trabalhos. Isso nos consome muito tempo. Talvez, em algum momento, teremos mais tempo. Mas não encontrei isso nem aqui nem em qualquer outro lugar” (Jorge). Entre a vontade e as lutas por transformações na organização do trabalho e na sociedade e as contradições de viver isso em um mundo marcado pela racionalidade neoliberal, a dança dialética do trabalho no *Tiempo Argentino* acontece. Sem príncipes ou princesas. Bailemos...

Referências

- ANGENOT, Marc. **O Discurso Social e as Retóricas da Incompreensão**. São Carlos: Ed. UFSCAR, 2015.
- ANTUNES, Ricardo. **O Privilégio da Servidão**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BOYLE, Dave. **Good news: a co-operation solution to media crisis**. Report Co-Operatives UK, 2015.
- BROWN, Wendy. **El Pueblo Sin Atributos: la secreta revolución del neoliberalismo**. Barcelona: Malpaso, 2016.
- CASAQUI, Vander. A Inspiração como Forma Comunicacional do Capitalismo *Cool*. **Anais do Intercom**. São Paulo/SP: ECA-USP, 2016.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- _____; _____. **Comum**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- DE PEUTER, Greig; DYER-WITHEFORD, Nick. Commons and Cooperatives. **Affinities**. V. 4, N. 1, 2010, p. 30-56.
- DYER-WITHEFORD, Nick. **Cyber-Marx**. Chicago: University of Illinois Press, 1999.
- FÍGARO, Roseli.; NONATO, Cláudia. Novos “Arranjos Econômicos” Alternativos para a Produção Jornalística. **Contemporânea**. V. 15, N. 1, 2017.
- _____; _____. GROHMANN, Rafael. **As Mudanças no Mundo do Trabalho do Jornalista**. São Paulo: Atlas, 2013.
- GONÇALVES, Eloisa. **A Regulamentação das Cooperativas de Trabalho: entre a construção da economia solidária e a precarização do trabalho**. Dissertação (Mestrado – Direitos Humanos e Democracia). Curitiba: UFPR, 2015.
- GROHMANN, Rafael. O Trabalho dos Jornalistas como Sintoma da Lógica dos Conglomerados. **Alterjor**. V. 2, n. 8, 2013.
- _____. Inovação como Fórmula Discursiva Convocatória para as Práticas Jornalísticas: sentidos mobilizados por textos do Observatório da Imprensa. **Contemporânea**. V. 15, N. 1, 2017.
- _____. Cooperativismo de Plataforma e suas Contradições: análise de iniciativas da área de comunicação no Platform.Coop. **Liinc em Revista**. V. 14, n. 1, 2018a.
- _____. Cooperativas de Trabalhadores de Comunicação: situando o debate e apresentando o cenário argentino. **Anais do Comunicon 2018**. São Paulo: ESPM, 2018b.
- HARVEY, David. **17 Contradições e o Fim do Capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- HENRIQUES, Flávio Chedid. **Autogestão em Empresas Recuperadas por Trabalhadores: Brasil e Argentina**. Florianópolis: Insular, 2014.
- HUWS, Ursula. **Labor in the Global Digital Economy**. New York: Monthly Review Press, 2014.
- KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários**. São Paulo: Edusp, 2003.
- LUXEMBURGO, Rosa. **Reforma ou Revolução**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- MARX, Karl. **Crítica do Programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- _____; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do Jornalista Brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2013.
- _____; TAVARES, Luísa. A Governança do Jornalismo e Alternativas para a Crise. **Brazilian Journalism Research**. V. 13, N. 2, 2017.
- RIZEK, Cibele. Viração e Trabalho: algumas reflexões sobre dados de pesquisa. **Revista Estudos de Sociologia**. V. 11, n. 21, 2006.
- _____. Faces do lulismo: políticas de cultura e cotidiano na periferia de São Paulo. In: SINGER, André. LOUREIRO, Isabel (org.). **As Contradições do Lulismo**. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 185-218.

- ROXO, Michelle; GROHMANN, Rafael; MARQUES, Ana Flávia. Lugares de Enunciação e Disputas de Sentido em Relação ao Trabalho Jornalístico em Arranjos Alternativos às Corporações de Mídia. **Anais da SBPJor**. São Paulo: ECA-USP, 2017
- RUGGERI, Andrés. Reflexiones sobre la Autogestión en las Empresas Recuperadas Argentinas. **Estudios**. N. 1, 2011.
- _____. Las empresas recuperadas a dos años de gobierno de Mauricio Macri. **Autogestión**. 2018.
- SANDOVAL, Marisol. Enfrentando a Precariedade com Cooperação: cooperativas de trabalhadores no setor cultural. **Parágrafo**. V. 5, n. 1, 2017.
- _____. From passionate labour to compassionate work: cultural co-ops, do what you love and social change. **European Journal of Cultural Studies**, 2018.
- SCHOLZ, Trebor. **Cooperativismo de Plataforma**. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2017.
- SIAPER, Eugenia; PAPADOPOULOU, Lambrini. Entrepreneurialism or Cooperativism? An exploration of cooperative journalistic enterprises. **Journalism Practice**. V. 10, n. 2, 2016.
- SODRÉ, Muniz. **A Ciência do Comum**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ciência e Existência**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- WELLEN, Henrique. **Para a Crítica da “Economia Solidária”**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- WRIGHT, Erik Olin. **Envisioning Real Utopias**. New York: Penso, 2010.